

"Em determinados momentos da história, poucas e preciosas vozes são ouvidas clamando por justiça. Mas, agora mais do que nunca, as vozes devem ecoar mais que a da violência e a do ódio."

Estas são as memoráveis palavras do Dr. Joseph Rotblat, o qual, por muitos anos, liderou as Conferências Pugwash sobre Ciências e Relações Mundiais, uma organização global que trabalha pela paz e abolição das armas nucleares. Rotblat faleceu em agosto de 2005, mês que marcou o 60º aniversário dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki. Estava com 96 anos. Na fase final de sua vida, ele expressou fortemente seu sentimento de mau presságio quanto à falta crônica de progresso com relação ao desarmamento nuclear e à crescente ameaça da proliferação nuclear.

O impressionante desenvolvimento da tecnologia militar separou totalmente os sentimentos e a realidade humana por atos de guerra. Em instantes, vidas insubstituíveis são perdidas e pátrias amadas reduzidas a ruínas. Os gritos angustiados das vítimas e suas famílias são silenciados ou ignorados. Dentro desse vasto sistema de violência, onde as armas nucleares estão no topo, os seres humanos não são mais vistos como personificações da vida. Eles são reduzidos à condição de simples coisas.

Paz é uma competição entre o desespero e a esperança, entre inutilidade e persistência comprometida. Na medida em que a impotência está enraizada na consciência das pessoas, há uma tendência maior para recorrer à força. Ela gera violência.

No entanto, foram os seres humanos quem deram origem a esses instrumentos causadores de terríveis destruições. Não pode estar além da sabedoria humana eliminá-los.

As Conferências Pugwash, que foram a base para as ações de Rotblat, iniciaram-se em 1957, um ano que presenciou uma rápida aceleração da corrida pelas armas nucleares, a qual envolveu todo o planeta. Em 8 de setembro do mesmo ano, meu mestre, Jossei Toda, lançou um apelo para a abolição das armas nucleares. O dia foi abençoado com um tipo de céu claro e bonito que só vemos após uma tempestade tropical e, naquela ocasião, Toda fazia sua declaração em um encontro na cidade de Yokohama com a participação de aproximadamente 50 mil jovens:

"Mesmo que neste momento esteja sendo realizado no mundo inteiro um movimento para abolir os testes nucleares, meu desejo é atacar o problema pela raiz, ou seja, cortar as garras ocultas exatamente na origem... Mesmo que um país conquiste o mundo por meio do emprego de armas nucleares, o conquistador deverá ser considerado um demônio, a expressão suprema do mal".

Toda optou por condenar as armas nucleares de maneira severa, estridente, porque estava determinado a desmascarar essas armas como um mal absoluto que nega e prejudica o direito humano de viver.

O apelo apaixonado de Toda partiu de uma compreensão filosófica do funcionamento interno da vida: ele estava alertando contra o egoísmo demoníaco, o qual busca submeter as pessoas à nossa vontade e, nesse sentido, o grande desejo dos Estados de possuir essas armas capazes de destruição fatal.

A ideia de que as armas nucleares têm a função de deter a guerra e que é um "mal necessário" é o principal impedimento para a sua eliminação; isso deve ser contestado e eliminado.

Desde que Toda viu as armas nucleares como um mal absoluto, foi capaz de transcender a ideologia e o interesse nacional; nunca foi confundido pelos argumentos do poder político. Hoje, meio século depois, o conceito de usar armas nucleares para "impedir" guerras volta. Estou convencido de que o apelo de Toda, enraizado na mais profunda dimensão da vida, agora brilha de maneira universal.

Se quisermos eliminar as armas nucleares, é essencial uma transformação fundamental do espírito humano. Desde os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, há mais de sessenta anos, os sobreviventes têm transformado desespero em um senso de missão continuando a bradar pela abolição nuclear. Como pessoas do presente, é nossa responsabilidade, nosso dever e direito agir como herdeiros desse trabalho sublime de transformação interior, para expandi-lo e promovê-lo em uma luta para eliminar a guerra.

Clamar em oposição à guerra e às armas nucleares não é sentimentalismo nem autopiedade. É a mais alta expressão da razão humana com base em uma percepção firme da dignidade da vida.

Ao sermos confrontados pelos fatos terríveis da proliferação das armas nucleares, temos de clamar pela força da esperança existente nas profundezas da vida de cada indivíduo. Este é o poder que pode transformar até mesmo a realidade mais intratável.

Para emergirmos da sombra das armas nucleares, precisamos de uma revolução na consciência de inúmeros indivíduos, uma revolução que dê origem à confiança sincera de que "há algo que eu possa fazer". Então, finalmente, veremos uma aproximação entre os povos do mundo, e ouviremos sua voz comum, seu clamor por um fim a essa loucura terrível de destruição.